

Demografia Crescimento é reflexo de envelhecimento do país e mostra que é preciso priorizar atenção primária e prevenção, dizem especialistas

Consumo de saúde da fatia de mais de 50 anos deve dobrar até 2044

Lucianne Carneiro
Do Rio

Diante uma população cada vez mais envelhecida e longeva, a parcela de quem tem 50 anos ou mais de idade do consumo total de saúde deve subir de 35% em 2024 para 50% em 2044. A estimativa é de que o valor consumido em saúde pelos 50+, que correspondia a R\$ 247 bilhões em 2024, mais que dobre até 2044 (126,3%) e alcance R\$ 559 bilhões. Em igual período, o consumo de saúde como um todo no país deve subir 61,1%. O montante considera produtos e serviços em saúde, tanto no setor público quanto no privado.

Os dados são parte do estudo "Mercado prateado: consumo dos brasileiros 50+ & projeções", realizado pela empresa de pesquisa, tendência e inovação Data8, especializada nesse mercado. O conceito faz alusão aos cabelos grisalhos da população mais velha.

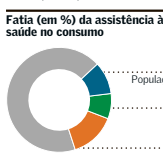
O levantamento também apresenta em números a participação da saúde na cesta de consumo das pessoas mais velhas. As despesas com assistência à saúde representam 14% do orçamento da população com 50 anos ou mais, com fatias maiores à medida que avança a faixa etária até 21% entre os que têm mais de 80 anos.

A realidade do consumo em saúde no Brasil devido à transição demográfica nos próximos anos reforça a necessidade de mudança no modelo de promoção de saúde, seja no setor público, seja no privado, apontam especialistas.

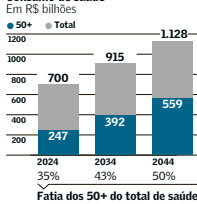
Mais que apenas a preocupação com aumento do volume de investimentos, defendem, é preciso redirecionar recursos para atenção primária e prevenção, para uma longevidade com saúde. As políticas públicas também devem levar em consideração uma mudança na estrutura de cuidados, já que a transição demográfica também inclui menor número de filhos — que são hoje

Os números da saúde na economia prateada

Fatia (em %) da assistência à saúde no consumo



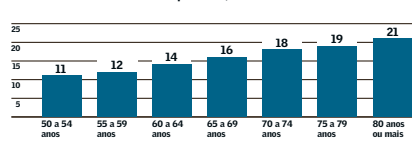
Consumo de saúde*



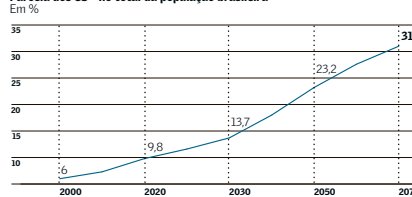
Fatias dos 50+ do total de saúde

Fontes: Pesquisa Mercado Prateado: consumo dos brasileiros 50+ e projeções e IBGE. * A preços de 2024

Por faixas etárias na economia prateada, em%



Parcela dos 65+ no total da população brasileira



os principais cuidadores.

"Em 20 anos, metade de consumo de saúde vai passar por pessoas de 50 anos ou mais. Os setores de saúde e aposentadoria são as pontas do iceberg dos desafios do envelhecimento populacional", afirma a especialista em economia da longevidade Lívia Holterbach, sócia da Data8 e uma das coordenadoras do estudo.

"De fato, existe uma urgência para desenvolver políticas públicas para olhar essa estruturação das cadeias de longo prazo, como o país vai dar conta de absorver essa população extremamente envelhecida", completa.

Demógrafo e professor aposentado da Escola Nacional de Estatísticas (Ence), José Eustáquio Diniz Alves lembra que, quanto maior é a população idosa de um país, maior tende a ser o consumo em saúde. "A tendência no mundo inteiro é de as pessoas mais velhas terem mais doenças. E isso ocorre principalmente em um país medi-

calizado' como o Brasil, com três farmácias no mesmo quarteirão. O Brasil não trata tanto a parte preventiva, que envolve manter a saúde com exercícios e alimentação".

O coordenador do Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz, Rômulo Paes de Sousa, evita o "fatalismo" de alguns ao tratar a transição demográfica como "problema incontornável" na área de saúde. Ele admite, no entanto, que desafios são grandes e "é preciso correr".

"Perdemos o primeiro bônus demográfico e agora temos que focar no segundo bônus, que é ter uma longevidade que permita uma vida mais longa, mas com qualidade, e não uma velhice que sobrecarrega as políticas sociais."

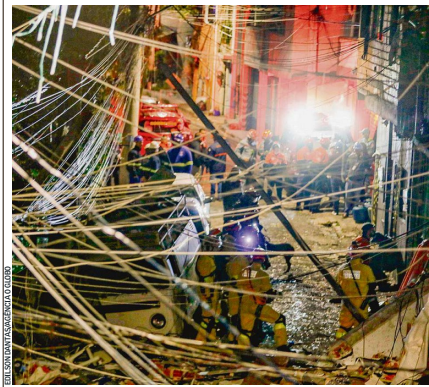
Uma questão importante, segundo ele, é a condição em que se chega à terceira idade. "Se chegam em melhores condições de saúde, o impacto sobre a economia é completamente diferente", diz.

Nesse contexto, Sousa defende de iniciativas recentes do setor

público, como ampliação do programa Saúde da Família, lançamento do Agora tem Especialistas, do governo federal, e alta de ações multiprofissionais. Na sua avaliação, o setor privado está menos preparado para enfrentar o custo do envelhecimento populacional que o setor público. Ele diz que as operadoras ainda atuam com custos financiados por uma parcela bem maior de jovens que a de idosos. "O modelo é insustentável do ponto de vista econômico."

Para Rômulo Paes de Sousa, a preparação desse novo panorama do setor de saúde também passa pela maneira como "os riscos são regulados pela sociedade", em áreas como alimentos ultraprocessados e tabagismo e pelas ações em prol da qualidade de vida. O tema de saúde e longevidade será uma das questões tratadas no seminário "Perspectivas de saúde no Brasil", organizado pela Fiocruz e previsto para junho.

Explosão em São Paulo



Uma grande explosão atingiu cerca de 35 casas, destruindo totalmente quatro delas, pouco depois das 16h desta segunda-feira (11) no bairro do Jaguaré, na zona oeste de São Paulo. Até a conclusão desta edição havia a confirmação de uma morte — um

homem de 45 anos —, além de três feridos. O acidente ocorreu quando equipes da Sabesp atingiram a rede de gás durante a obra de remanejamento de tubulação de água. A Comgás afirmou que a obra não era dela, mas de terceiros, sem citar a Sabesp.

Lula lança programa contra crime organizado

Sofia Aguiar e Andrea Jubé
De Brasília

Na tentativa de capitalizar politicamente na área da segurança pública de olho na reeleição, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lança, nesta terça-feira (12), o programa Brasil Contra o Crime Organizado. A iniciativa prevê R\$ 11 bilhões em investimentos voltados a ações de segurança pública. Desse total, R\$ 1 bilhão virá do Orçamento, enquanto os outros R\$ 10 bilhões serão financiados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e destinados aos Estados.

A medida integra a estratégia do governo federal de fortalecer a agenda de segurança pública, tema que deve ocupar espaço estratégico na campanha presidencial de Lula, especialmente por causa dos desgastes de gestões petistas nesta área.

O programa foi estruturado em quatro eixos estratégicos: enfraquecimento financeiro das or-

ganizações criminosas; fortalecimento da segurança no sistema prisional; ampliação da capacidade de investigação e esclarecimento de homicídios; e combate ao tráfico de armas. A iniciativa também será dividida em seis frentes de atuação: integração de inteligência; asfixia financeira e logística; controle do sistema prisional; enfrentamento ao tráfico de armas e munições; retomada e proteção de territórios; e redução da impunidade.

A cinco meses do pleito, em uma reação considerada tardia por críticos do governo, Lula tenta melhorar a avaliação da gestão em uma área que aparece nas pesquisas como a principal preocupação dos brasileiros — e na qual a direita mantém hegemonia no debate público.

O programa depende da adesão dos Estados, e deverá enfrentar resistência dos governadores de oposição. O Executivo alega que o combate ao crime deve ser uma construção coletiva.